

# REUNIÃO DA SRB

Na reunião semanal da Sociedade Rural Brasileira, realizada sob a presidência do sr. Salvio de Almeida Prado, focalizou-se o ambiente reinante no meio rural, que, de conformidade com notícias recém-chagadas das principais regiões agrícolas, é muito grave, quase explosivo, porque os agricultores em geral, além das dificuldades naturais, não possuem recursos para prosseguir em suas atividades, devido a inexistência de um sistema creditício eficiente, amplo e racional, e nem têm condições de diversificar suas culturas, haja visto que todas estão em crise e não oferecem atrativos desde que o governo, dentre outras medidas desestimuladoras, estabeleceu preços mínimos abaixo do respectivo custo de produção.

Aliás, esta situação econômico-financeira já é bastante visível no meio urbano, faltando somente atingir o grau de desespero que se verifica no interior.

## CONJUNTURA CAFEIEIRA

O sr. Antônio Bento Ferraz, vice-presidente da SRB, teve as seguintes considerações sobre a atual política do café:

«A cafeicultura está atravessando uma fase difícil de sua história, dada a superprodução, não só brasileira, como mundial.

Com estoques acumulados de milhões de sacas, grande parte proveniente de erros de comercialização, o Brasil vê-se a braços com o problema da redução de sua produção, para o que se aventam várias medidas, como a diversificação de culturas, quotas individuais, extinção do Convênio Internacional, guerra de preços, etc..

Quanto à diversificação da produção — que deve ser internacional e não unilateral —, a fim de que, dentro dos próximos cinco anos, possamos reduzir a safra brasileira para 24 milhões de sacas anuais, conforme desejo dos orientadores da política cafeeira, só será possível através da erradicação indenizada, com recursos do próprio café (confisco), acompanhada da fixação de preços mínimos convidativos para os demais produtos agrícolas, pois, no presente momento, tudo o que se produz está em crise, exceção única para o boi.

A medida de se reduzir a safra cafeeira, é preciso ser resolvida já, eis que assim evitaremos em tempo o gasto de muita energia e dinheiro para produzir uma enorme safra, que vai servir para engrossar o estoque invendível já existente e trazer muita dor de cabeça, tanto aos produtores, como às autoridades administrativas, por ocasião de sua comercialização, haja visto o que se está passando com a atual safra de proporção diminuta.

Isto é o castigo que estamos recebendo pela inépcia em não terem sido tomadas medidas disciplinadoras da

plantação da preciosa rubiácea ao tempo do «rush» do Paraná, há anos atrás.

Com relação às quotas individuais de produção, não acreditamos na viabilidade do processo e, em relação à extinção do Convênio Internacional, achamos que ruim com ele, pior será sem ele. O remédio para o Convênio será procurarmos, por meio de medidas adequadas, corrigir os seus defeitos, porquanto a sua extinção, acompanhada de uma guerra de preços, seria uma verdadeira loucura, pois é sabido que o Brasil não tem mais condições para tanto. Há uma dezena de anos atrás, éramos senhores do mercado internacional; hoje não podemos nem sequer pensar nisso. Além do mais, ainda por muito e muito tempo, não poderá o País prescindir da receita cambial produzida pelo café.

Uma medida de capital importância não deve ser esquecida na atual conjuntura cafeeira: café solúvel, com mais fábricas na altura da nossa produção, a fim de não só conquistarmos novos mercados, como também participarmos do crescente consumo do solúvel no mercado norte-americano.

Por outro lado, não podemos deixar de, com intenso trabalho diplomático, tentar junto aos países do Mercado Comum Europeu a atenuação das hostilidades aduaneiras para com os cafés da América Latina, ou então apelar para os Estados Unidos da América do Norte, no sentido de que proteja, dentro de seu país, por intermédio de medidas especiais, um amplo consumo para os cafés produzidos neste hemisfério, para compensar as perdas sofridas no mercado europeu.

Finalmente, um problema que também não pode deixar de ter solução, é o referente ao armazenamento de colossal estoque existente, constituído, como é do conhecimento geral, de mais de metade de cafés estragados e impróprios para a exportação, que devem ser transformados em adubo, deixando de fazer despesas e pressão sobre a estatística do nosso principal produto.

## CEREAIS E PROMISSÓRIAS RURAIS

Por sua vez, o sr. João de Almeida Sampaio, diretor do Departamento de Cereais da SRB, solicitou providências da entidade, junto aos srs. ministro da Agricultura e diretor da CREA do Banco do Brasil, não só no que se refere à efetivação do financiamento para os cereais, pois as Agências do B.B. ainda não receberam, para tanto, as necessárias instruções, mas também quanto ao problema das promissórias rurais, cujo endosso pelo agricultor, e que é um verdadeiro absurdo, deve apenas representar simples transferência de documentos, e não responsabilidade de pagamento no caso do comprador do produto transacionado não saldar o compromisso.